

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SILVIA TRINDADE MARIEN**

---

---

**TRAJES DE BANHO NO BRASIL:  
modos de olhar e de educar o corpo (1920-  
1930)**

---

---

Campinas  
2008



1290003927

TCC/UNICAMP  
M338t  
1290003927/FEF

**SILVIA TRINDADE MARIEN**

---

**TRAJES DE BANHO NO BRASIL:  
modos de olhar e de educar o corpo (1920-  
1930)**

---

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação) apresentado à Faculdade de  
Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas para obtenção do  
título de Licenciado em Educação Física.

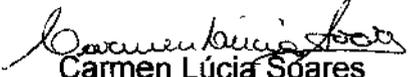
**Orientador: CARMEN LÚCIA SOARES**

Campinas  
2008

## **SILVIA TRINDADE MARIEN**

**TRAJES DE BANHO NO BRASIL: modos de olhar e de educar o corpo (1920- 1930)**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Silvia Trindade Marien e aprovado pela Comissão julgadora em: 18/11/2008.



Carmen Lúcia Soares

Orientador



André Dalben  
Banca

Campinas  
2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA  
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M338t Marien, Sílvia Trindade.  
Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930)  
/ Sílvia Trindade Marien. – Campinas, SP: [s.n], 2008.

Orientador: Carmen Lúcia Soares.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Trajes de banho - Usos e costumes. 2. Beleza (História). 3. Conforto. 4. Esportes aquáticos. I. Soares, Carmen Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

**Título em inglês:** Bathing suit in Brazil: the ways see and educate the bodies (1920-1930)

**Palavras-chave em inglês (Keywords):** bathing suit; beauty; confort; water sports.

**Banca Examinadora:** Carmem Lucia Soares; André Dalben.

**Data da defesa:** 18/11/2008.

*Dedico este trabalho a  
Deus e aos meus  
pais.*

## **Agradecimentos**

*Agradeço a orientação da professora Carmen Lúcia Soares (Carminha) que me deu a direção, respeitou meus tempos (e atrasos), dando-me sua dedicação em todo este período que estivemos juntas.*

*Também agradeço a banca por toda sua contribuição, através de suas observações e opiniões.*

*Agradeço ainda por todo apoio recebido de meus familiares, que antes mesmo do início deste curso tem me incentivado.*

*E ainda, por todos os amigos queridos que fizeram parte deste trabalho direta ou indiretamente, contribuindo com a realização do mesmo.*

*Obrigada!*

MARIEN, Sílvia T. **Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930)**. 2008. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

## RESUMO

As primeiras décadas do século XX, no Brasil, testemunham uma mudança significativa em relação a natureza, especialmente no que diz respeito às praias, ao mar, aos rios, assim como as piscinas. Se desde o século XIX no Brasil o mar e a praia passam lentamente a ser vistos como lugares de banhos terapêuticos, de passeios e, mais adiante, de diversão, é nos anos 1920 e 1930 que este universo mais aberto, alcançado pela frequência as praias afirma-se. Esta mudança de comportamento em relação a estes lugares fez com que algumas práticas corporais, entre elas a prática esportiva, encontrassem ali seu espaço. Todavia, praticar algum esporte nas praias, nos rios ou, ainda, em piscinas é algo que exige mais que habilidade física; exige, também um *traje específico*, necessidade que faz surgir diversas vestimentas até que, definitivamente, seja desenhado e comercializado o *traje especial de banho*. O presente estudo analisa o surgimento da necessidade de um traje de banho no Brasil entre os anos de 1920 e 1930, tomando como fontes livros publicados sobre o tema, assim como duas revistas brasileiras, a saber: a) *A Cigarra*; b) *Sport Ilustrado*, revistas que surgiram entre os anos de 1920 e 1930, período delimitado para este estudo.

**Palavras-chave:** trajes de banho; beleza; conforto; esportes aquáticos.

MARIEN, Silvia T. **Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e educar o corpo (1920-1930)**. 2008. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

#### ABSTRACT

The first decades of the 20th century, in Brazil, witnessed a meaningful change related to the nature, specially to what concerns to the beaches, the sea, the rivers, as though to the swimming pools. If since the 19<sup>th</sup> century in Brazil, the sea and the beach slowly started to be seen as places for therapeutic baths, walks, and later, for entertainment, it is during the 20's and 30's that this open universe, reaches, by the increase of the attendance at the beaches, its full vocation. This change in behavior related to these places, helped some body practices, including the practice of sport, to find there, their ground. Nevertheless, practicing some sort sports at the beaches, rivers or swimming pools is something that requires more than physical abilities; also requires a specific suit, which makes emerge several clothes until a special *bathing suit* is definitely drawn. The present study analyses the upcoming of the necessity of a *bathing suit* in Brazil between the 20's and the 30's, electing as sources, books published about the theme, such as two Brazilian magazines: a) A Cigarra; b) Sport Ilustrado, magazines that appeared between the 1920's and 1930's, period determined for this study.

**Keywords:** bathing suit; beauty; confort; water sports.

## LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1** Mulheres trajadas para seu banho de mar. *Vida Fluminense*, ano 1, n.14, 19 dez. 1889. Arquivo Biblioteca Nacional/RJ *apud* Lucena, 2001, p.30
- Fig. 2** Salto ornamental, atleta do Clube Tijuca. Capa de *Sport Ilustrado*, n. 3, 26 abril 1938
- Fig. 3** Atleta do Fluminense F.C.“a loira e graciosa estrellá da nataçãõ carioca e componente da equipe do Fluminense F. C.”. Capa de *Sport Ilustrado*, n. 6, 18 de maio 1938
- Fig. 4** Equipe masculina do Botafogo, campeão do 4x100 no campeonato Carioca. *Sport Ilustrado*, n. 2, 19 abril 1938
- Fig. 5** Equipe feminina do flamengo, campeãs recordistas do campeonato Carioca. *A Cigarra* n. 2, 19 abril de 1938
- Fig. 6** Álbum do “*fan*” Sportivo, nadador de velocidade da equipe do Botafogo. *A cigarra*, n. 2, 19 abril 1938
- Fig. 7** Rosto feminino. Capa da Revista *A Cigarra*, n. 179,1924
- Fig. 8** Ênfase ao carnaval. Capa da Revista *A Cigarra*, n. 178, 1922
- Fig. 9** Jovem de 17 anos, campeão de nataçãõ do Rio de Janeiro. *A Cigarra*, n. 184, 1924

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	11
<b>2. Trajes de banho</b>	15
<b>3. Os trajes de banho entre os anos de 1920 e 1930: novos olhares sobre a educação do corpo</b>	22
<b>4. Os trajes de banho em duas revistas brasileiras</b>	25
4.1 A Revista <i>Sport Illustrado</i>	25
4.2 A Revista Cigarra: variedades para as mulheres e moda esportiva	36
<b>Algumas considerações finais</b>	39
<b>Referências Bibliográficas</b>	41

## Introdução

Até os primeiros anos do século XIX, no Brasil<sup>1</sup>, as praias eram lugares por onde não se podia passear, muito menos tomar banho salgado. Lugar “*onde se faziam despejos; onde se descarregavam os gordos barris transbordantes de excrementos, o lixo e a porcaria das casas e das ruas, onde se atiravam bichos e negros mortos*” (FREYRE, 1996, p.195). O banho de mar então, é um costume recente, e ainda nos primeiros tempos da independência pode-se inferir que havia certa preferência pelos banhos de rio.

Conforme analisa Freyre na citação acima, é possível observar que a praia, no Brasil de dois séculos atrás foi muitas vezes concebida como local de despejo de lixo e excrementos distante, portanto, da configuração que conhecemos hoje. Era um ambiente considerado periférico, sujo e pouco utilizado para os divertimentos e exercícios físicos. Assim, o hábito de freqüentar as praias e banhar-se no mar era quase inexistente; o mar era um desconhecido.

O desconhecimento do mar que provocava inúmeros medos e inseguranças, era uma idéia que se fazia presente desde o século XVIII e apresentava até mesmo interpretações bíblicas, como por exemplo, as passagens do livro Gêneses em que o mar é interpretado como “O grande abismo”, uma imagem do infinito, incompreensível. Ainda no texto bíblico, o relato do dilúvio é apontado por alguns autores como sendo uma forma de punição aos homens. Desta forma, pode-se supor que a representação do mar como um lugar terapêutico, assim como um lugar de divertimento é, de certa forma, recente.

De acordo com Corbin, em seu livro *O Território do Vazio*, encontramos uma reflexão bastante aguda acerca do espaço da praia na Europa. Este autor vai afirmar que uma das primeiras relações estabelecidas naquele continente entre o ambiente da praia e o exercício físico, ocorreu por volta de 1620. Citando Bourton e seu livro *História da Melancolia*, Corbin reflete

---

<sup>1</sup> Pode-se afirmar que esta relação com a praia e o mar, não era diferente no continente europeu, conforme as análises de CORBIN, Alain, no clássico *Território do vazio* de 1989, entre outros.

sobre a necessidade de movimento do homem. O exercício, portanto, sugere Bourton no século XVII, lhe é benéfico, e argumenta a favor de alguns *rural sports*, entre eles a natação, prática que passa a ser autorizada neste período. Mesmo o mar sendo ainda uma incógnita neste período, Burton sugere a emergência da moda do banho terapêutico.

A ascensão desta prática surge então, entre diversos fatores, com a própria curiosidade pelo desconhecido, “*o mar se faz refúgio, causa esperança porque causa medo. Esperança de gozá-lo, de experimentar o terror que inspira [...] pela esperança de que a água corrija os males da civilização urbana, os efeitos perversos do conforto*” (CORBIN, 1989, p. 74). Devido a este conforto, com sua delicadeza excessiva e palidez, as classes dominantes na França e Inglaterra, passam também a se julgar não beneficiadas pelo vigor físico, visível nos corpos das chamadas *classes inferiores*, submetidas ao trabalho incansável e expostas ao ar livre e ao sol.

Esse interesse despertado pelo mar e a descoberta de seus benefícios, fez com que os médicos passassem a adotar, em larga escala, terapias que se valessem de práticas corporais na natureza, com o intuito de repor as energias, melhorar o tônus muscular e o vigor físico. Desse modo, no continente europeu “*muito rapidamente, a invenção da praia acompanha a descoberta das virtudes da água do mar.*” (CORBIN, 1989, p. 82).

Um corpo mais vigoroso, mais ágil e viril começa a ser almejado e é nessa perspectiva que se inscreve o desejo pelas praias e pelo mar a partir do século XVIII, local visto como aquele em que se encontrarão possibilidades de preservar e ganhar forças físicas, de desenvolver e manter o vigor dos corpos.

Foucault ao analisar a medicina social na França destaca que foi também nessa passagem do século XVIII para o XIX que a água começou a ser percebida como: “*uma solução de lavar as cidades dos miasmas que, sem isso, aí permaneceriam*” (FOUCAULT, 1979, p.90). Ou seja, a idéia de limpeza do espaço começava a se fazer presente também. O surgimento dos divertimentos junto ao mar acompanhou essa limpeza das cidades e das praias.

Em países escravistas como o Brasil, a ida das elites às praias foi um processo que demorou um longo tempo para se concretizar. No século XIX frequentar praias, remetia ao sol e por conseqüência, a uma pele mais bronzeada, mais próxima da pigmentação da pele negra.

Somente em finais do século XIX, os médicos brasileiros passam a indicar os banhos de mar, juntamente com sua frequência em praias, fato esse que provocava divergências com aqueles que consideravam a *cútis* muito branca e mais bela.

Nota-se que freqüentar as praias e banhar-se nas águas do mar são práticas construídas muito lentamente e não foram aceitas com tranquilidade para ambos os sexos. Mesmo com finalidade terapêutica, o banho de mar não foi o mesmo para homens e mulheres. Elas, por muito tempo, foram afastadas deste ambiente. Podemos afirmar que as mulheres, por exemplo, quando iam à praia e se banhavam nas águas salgadas, deveriam seguir procedimentos muito rígidos, quer seja de vestimenta, quer seja de horários para seus banhos: “... *uma dama de respeito, por esta época, toma seu banho sempre de madrugada, não raro entrando numa água onde ainda se reflete a luz prateada das estrelas*” (EDMUNDO, 1938, p. 860)

Ainda segundo Luis Edmundo, no início do século XX, concomitantemente a este ambiente de divertimento, as práticas esportivas passam a ganhar destaque e popularidade. Entre os esportes, cresce especialmente a natação, acentuando a frequência em praias e outros locais públicos, muito embora as mulheres ainda fossem de certa forma, minoria. Lentamente, contudo, elas “descobrem” o espaço público também como espaço possível de sociabilidades,

“A mulher nesta sociedade começa a descobrir o espaço das ruas e das praças e é sem dúvida, no âmbito dos passatempos desportivizados que ela vai fincar suas raízes para além dos parapeitos da janela.” (LUCENA, 2001, p.112).

É neste universo mais aberto, mais urbano, que a prática esportiva encontra espaço e que praticar algum esporte é algo que exige mais que habilidade física. Exige, também, um *traje específico*, especialmente para as modalidades aquáticas, seja o banho em piscinas, seja o banho de mar, ou, a frequência em praias.

Na busca de subsídios no que se refere aos trajes de banho, fui levada a pesquisar em arquivos e bibliotecas, livros e revistas que pudessem trazer informações, imagens,

e principalmente momentos em que estes trajes aparecem direta e, ou, indiretamente nos banhos, nos momentos de diversão, e, ainda, em modalidades esportivas.

Esta pesquisa esta organizada em quatro capítulos. No primeiro introduzo o leitor no imaginário da praia, apontando a necessidade de um traje específico para a frequência neste ambiente.

No segundo capítulo, evoco alguns elementos da trajetória do traje de banho até os anos de 1930, especificando traços do que lhe é concernente e o porquê de sua configuração ao longo dos anos. No terceiro capítulo trato mais especificamente dos *trajes de banho* entre os anos de 1920 e 1930.

No quarto capítulo apresento as revistas brasileiras *Sport Ilustrado*, uma revista específica da área Educação Física e Esporte, momento em que analiso os trajes prioritariamente compreendidos nas modalidades aquáticas ou não; apresento também a revista *A Cigarra*, procurando observar momentos em que o *traje de banho* aparece mais relacionado aos divertimentos, ou seja, não necessariamente em competições esportivas. Tomando como fontes principais uma revista mundana, “*A Cigarra*”, e uma revista especializada, *Sport Ilustrado* esta pesquisa visa compreender e analisar os principais fatos que marcaram o uso de *trajes de banho*, no Brasil, entre os anos de 1920 a 1930.

## 2 Trajes de banho

“Arte por excelência de compromisso, o traje não existe independente do movimento, pois está sujeito ao gesto, e a cada volta do corpo ou ondular dos membros é a figura total que se recompõe, afetando novas formas e tentando novos equilíbrios.” (SOUZA, 1987, p.40)

Na Europa, no fim do século XIX a praia e o mar são descobertos como locais de divertimento, uma prática relativamente aceita como um modo de diversão festiva, em forma de passeios, banhos familiares e reuniões sociais, além de serem locais de trabalho e de práticas terapêuticas.

Por um longo tempo proliferam nesse ambiente, diferentes vestimentas individuais até passar a existir, definitivamente, *trajes de banho*. Um olhar sobre esta vestimenta leva-nos a perceber que o seu surgimento é acompanhado de uma diferenciação entre os sexos. Desde o século XVII aparece, inicialmente na Inglaterra, a concepção do traje como “*modelo bissexual*”, “*por meio deste modelo homens e mulheres foram percebidos como pertencentes a sexos totalmente separados e distintos, ‘oposto’*”. (HOLLANDER, 1996, p.98). Desta forma, quando vamos analisar os trajes de banho do século XIX essa afirmação fica bem evidente.

No Brasil, é predominantemente no século XIX, que os trajes vão trazer consigo uma nítida diferenciação entre os sexos, “*a vestimenta acentuará esse antagonismo, criando, ‘duas’ formas, uma para homem, outra para mulher. A história do traje nos mostra como os dois grupos sempre se diferenciaram através da roupa.*” (SOUZA, 1987, p. 59)

Em 1820, na França, os primeiros trajes de banho que aparecem relatados no livro *Território do Vazio* (CORBIN, 1989), é o único momento em que o traje se apresenta

igualmente entre os dois sexos, homens e mulheres aparecem usando um longo traje de burel<sup>2</sup> marrom sobre uma calça comprida.

Em meados de 1830, a calça impõe-se às banhistas, pois, o vestido que antes era usado é levantado pela onda, tornando-se indecente. Assim, os primeiros trajes passam a ser compostos por um “calção” até o joelho, uma túnica, uma capa longa amarrada aos ombros, meias e sapatos.

Apesar das roupas de banho, de acordo com esta descrição, parecer serem de certa forma, semelhantes, a partir desta década passam a apresentar a diferença entre ambos os sexos. Mesmo usando o mesmo traje que os homens, as mulheres mais jovens acrescentavam um pequeno saiote, ajustado na cintura, com a finalidade de dissimular os quadris.

Ao observarmos essa imposição do “calção” para as mulheres como uma “solução” para o vestido que sobe com o passar das ondas, ou, a dissimulação dos quadris, notamos que não é prioritariamente o conforto que vem a ser a preocupação deste novo traje de banho, mas sim o caráter moral imposto até então. Daniel Roche em seu livro *Culture des Apparences*, 1989, partilha da idéia de que as modificações no traje possibilitam a compreensão das transformações sociais. Assim, compreende-se que os trajes são modificados e estabelecidos, acompanhando a moral vigente.

Não só a forma, o tecido, mas também as cores vêm ressaltar esta diferenciação dos trajes destinados a homens e mulheres. Na sua maioria os trajes femininos são de tons escuros, sempre na cor marrom e azul marinho, cores que auxiliam a evitar a transparência trazida pelo branco e, além disso, a cor “*torna uma região menos evidente através de tons escuros e superfícies opacas*” (SOUZA, 1987, p. 44). Para o sexo masculino, não se evidencia esta inquietação, permitindo-se, assim, aos homens, também o uso de tons claros, pastéis e o branco.

Uma década depois, em 1840, o traje já apresenta algumas modificações, aparecendo o “colete calção de banho”, em trico de lã, geralmente na cor marrom. O uso da lã parece fazer sentido quando analisamos o final do século XVIII. Naquele momento a natureza

---

<sup>2</sup> Significa, tecido grosseiro de lã.

entra na “moda” e um certo tipo de vestuário desejava corporificá-la. Desta forma, enfatiza-se o uso do couro, linho e a lã, sendo esta última mais atrativa no que se refere aos *trajes de banho*, por suas qualidades. A lã “*era flexível e elástica*”, “*podia ser esticada, encolhida e encurvada... para acompanhar as formas e os movimentos do corpo do usuário*” (Hollander, 1996, p.116-117)

Em 1846, o doutor Le Coeur, citado por Corbin (1989, p. 93), observa que estes trajes “*colete calção de banho*”, “*são verdadeiros maiôs de uma só peça. São muito leves e cômodos para os nadadores*”. No entanto, estes acentuam demais as formas e o “bom doutor” duvida que estes “*possam algum dia ser adotados, como roupas de banho, pelas mulheres*”.

No Brasil, no que se refere às mulheres, vamos encontrar, ainda nos anos de 1850 e 60, trajes que cobriam quase que todo o corpo e quando molhados pesavam até 10 quilos. Esta indumentária, assim, parece confirmar que o banho de mar não era algo a ser desfrutado com prazer e, muito menos, que o traje especial fosse indicador de conforto; o banho era, deste modo, uma receita que deveria ser seguida.

“Como indumentária de banho traz uma calça muito larga de besta, tão áspera que, mesmo molhada, não pode cingir o corpo. Do mesmo tecido, um blusão com gola larguíssima, à marinheira, obrigada a laço, um laço amplo que serve de enfeite e, ao mesmo tempo, de tapume a uma possível manifestação de qualquer linha capaz de sugerir o feitio vago de um seio (...). As calças vão até tapar o tornozelo, quando não caem num babado largo cobrindo o peito do pé. Toda a roupa é sempre azul marinho e encadardada de branco. Sapatos de lona e corda, amarrados no pé e na perna, à romana. Na cabeça vastas toucas de oleado com franzidos à Maria Antonieta, ou exagerados chapelões de aba larga tornando disformes a cabeças, por essa época em que os cabelos são uma longa, escura e pesada massa.” (EDMUNDO, 1938, p.859 - 860)



Fig. 1 Vida Fluminense, ano 1, n.14, 19 dez. 1889. Arquivo Biblioteca Nacional/RJ apud Lucena, 2001, p.30

Na Europa parece haver certa diferença neste período, sendo que na Inglaterra e França, nos últimos anos do século XIX e o princípio do século XX, as vestimentas femininas passam a compor uma “*variação nova da silhueta tubular, agora colante, agora transformando a mulher num milagre de curvas.*” (SOUZA, 1987, p.64). Estes contornos das vestimentas femininas se refletem nas roupas de banho, fazendo com que estas assumam também uma forma mais justa, exibindo as formas da mulher.

No Brasil, é a partir de 1920 que estes trajes vão aparecer, inicialmente, destinados aos homens. É somente uma década mais tarde, em 1930, que esta possibilidade existirá também para mulheres. É inegável que o traje tem um papel importante na contenção ou liberação do corpo, do gesto, do comportamento. Além da proteção contra as intempéries do clima, há razões outras, que passam pela simbologia religiosa, pelo pudor. Assim, quando as roupas de banho, por exemplo, mudam de tamanho e de dimensão, quando encurtam ou se alongam, tudo indica claramente os lentos processos de transformação, sem dúvida, bastante ligados a moral de cada época.

Norbert Elias vale-se das *roupas de banho*, para exemplificar o que, para ele, era uma “relaxação”, algo que “ocorre dentro de um padrão “civilizado” particular do

comportamento e que envolve um alto grau de limitação automática e de transformação de emoções condicionados para se tornarem hábitos.” (Elias, 1994, p.186).

Daí depreende-se que o encurtamento das roupas tanto as de uso cotidiano quanto aquelas destinadas às práticas corporais e esportivas revelam partes do corpo antes cobertas, promovendo assim, um grau de “liberdade” que contribui para que seu uso torne-se habitual.

Sabe-se que este grau de “liberdade” não foi encarado com tanta normalidade, e é possível perceber, como já anunciado anteriormente, uma moral religiosa, que constantemente entrava em embate com a nova moda, tentando manter seu comprimento, numa disputa que perdura por um longo tempo até que as vestimentas mais curtas se impusessem, demonstrando assim um relaxamento da vergonha da semi-nudez e um maior auto-controle das pessoas.

É possível perceber, então, que a criação de novos códigos de etiqueta e comportamentos, o hábito da prática de exercícios, a melhora do tônus muscular, etc., vão ser acompanhados de mudanças no domínio do corpo no que se refere aos trajes e, por conseguinte, aos trajes de banho, ou seja, um deslocamento que é feito no sentido de uma maior liberalidade dos condicionamentos sociais.

Durante muito tempo a Europa exportava para as elites brasileiras não apenas objetos, mas, também, modos de se comportar, uma vez que era considerada como máxima referência de civilidade. Além disso, a emigração de grande contingente de europeus ao Brasil contribuiu para que seus modos e formas de viver fossem preservados, vistos e até incorporados em terras brasileiras. Deste modo, no século XIX, no Brasil, os mais abastados buscavam não apenas adotar comportamentos europeus, mas, também, adotar um vestuário importado da Europa. Assim, parece que houve, simultaneamente, uma convivência imediata com as inovações européias.

Aqueles presos aos seus costumes viram-se confrontados pelo gosto europeu e, apesar dos protestos da Igreja e das ferozes críticas dos conservadores, freqüentemente contrários a essas formas e gostos do vestir e do portar-se (especialmente no que concernia às mulheres) assistiram a uma imposição da *moda*, ainda que negociada.

Nos *trajes* femininos, “*A rígida vestimenta de banho feminina denota um período em que um controle social mais abrangente caminha numa direção em que um autocontrole é mais distendido, frouxo*”. (LUCENA, 2001, p. 32). Lucena ao se referir ao relaxamento das vestimentas de banho feminina no Brasil utiliza-se também dos estudos de Norbert Elias, quando afirma que:

“no século XIX, cairia no ostracismo à mulher que usasse em público os costumes de banho ora comuns. Mas essa mudança, e com ela toda a difusão do esporte entre ambos os sexos, pressupõe um padrão muito elevado de controle dos impulsos. Só numa sociedade na qual um alto grau de controle é esperado como normal, e na qual as mulheres estão, da mesma forma os homens, absolutamente seguras de que cada indivíduo é limitado pelo autocontrole e por um rigoroso código de etiqueta, podiam surgir trajes de banho e esporte com este relativo grau de liberdade.” (Elias, 1994, p.186)

Nota-se, porém, que mesmo com uma maior liberdade ainda existia certo controle para evitar situações consideradas “*ímorais*” como, por exemplo, tudo o que concerne às vestimentas de banho feminino já descrito anteriormente, em que praticamente nenhuma parte do corpo ficava à mostra e o horário de banho das mulheres que era bastante restrito. Fica evidente no fim do século XIX e início do século XX o caráter moral implícito na aceitação da frequência feminina nas praias; a elas era permitido sim ir à praia, porém, somente em alguns horários e com roupas muito bem definidas.

São os anos 1920, na Europa, que marcaram nos trajes o momento em que a moda começou a “*demonstrar a sexualidade feminina em termos corporais diretos, em vez de referir-se ao corpo indiretamente*”, os trajes não apenas “*mostravam a sua estrutura, como começavam a sugerir a maneira como o corpo feminino se fazia sentir por sua dona*” (HOLLANDER, 1996, p.166)

Com a elevada disseminação das práticas esportivas aparecem, além do short, pareôs estampados <sup>3</sup>, suéteres, os maiôs tanto os femininos quanto masculinos, com diversas *formas, cores e tecidos*.

As roupas de banho apresentam diferenças quando são feitas comparações entre aquelas destinadas à prática esportiva em geral e aquelas relacionadas com competições, tanto na categoria masculina, quanto na feminina. A roupa de banho padrão, ou aquela destinada aos eventos esportivos passou a ser peça única, predominantemente em algodão devido ao peso e à falta de conforto da lã.

O início dos anos de 1920 então, foi marcado pelo fim dos dissabores experimentados no período da Primeira Guerra Mundial e amalgamava-se o desejo de viver intensamente com o da liberdade no vestir.

Procurando maior liberdade de movimentos para os ombros e para os músculos das costas, no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, tendo como aliado o glamour trazido pelo cinema, apareceram nas praias, principalmente para o momento de distração, peças mais altas e estreitas, eliminando o tecido desnecessário.

---

<sup>3</sup> Seria a saída de praia como chamamos no Brasil. Esta peça que cobre o biquíni e/ou maiô foi confeccionada especialmente para ser usada, para a saída do mar, piscinas e praia.

### 3. Os trajes de banho entre os anos de 1920 e 1930: novos olhares sobre a educação do corpo

A influência do cinema nesse período era grande e em harmonia com a fotografia artística e com o fotojornalismo profissional, trazia mudanças “*nas imagens da moda*”, causando “*um efeito decisivo sobre os ideais do vestuário*” (HOLLANDER, p. 198). Essas imagens passaram a influenciar acentuadamente, não só o comportamento e os hábitos das pessoas, mas também, a sua maneira de vestir. No Brasil, é principalmente a partir dos anos de 1920, que esta influência no trajar se acentuará. Os diversos periódicos que circulavam, tanto específicos da área esportiva quanto aqueles que tratavam de temas mais gerais, foram os principais registros da moda nesta época, suas imagens e textos eram transcritos principalmente de jornais e revistas cariocas e publicados por jornais locais.

Todas essas mudanças logo foram assimiladas pelos banhistas. Os trajes de banho femininos ficaram mais aderentes ao corpo e tomaram a forma de macacões, cobrindo da canela aos ombros, permitindo apenas que os braços e pés ficassem expostos. Contudo, o material utilizado para a confecção dos maiôs era, ainda, de um tecido bastante pesado, de malha ou lã, fator que tanto dificultava os movimentos quanto tornava a roupa muito mais pesada após ser molhada.

As roupas para a natação de competição dos anos 1920 e 1930 passam a ter variações não só em sua forma, mas, igualmente em seus tecidos e tons. Desde os primeiros *trajes de banho*, diversos tecidos foram empregados como a malha, lã, o algodão e a seda pura, este último empregado nos anos 30 não teve muita repercussão, mesmo assegurando maior leveza.

Por ser um tecido caro, não era acessível a todos e aqueles que o usavam, procuravam empregá-lo nas competições, optando pelo algodão nos momentos de treino, além disso, a seda não é um tecido flexível “*tecidos firmes deste material... possuíam uma tessitura tensa e inelástica*” (HOLLANDER, 1996, p. 116). Nos anos 1920, os tons mais usados eram

principalmente os escuros como azul marinho e preto, já nos anos trinta surgem, nas praias, os tons de vermelho, estampas e diversas combinações entre tons mais claros e escuros.

Com o tempo, outros e melhores tecidos passaram a ser utilizados, promovendo maior praticidade para o banho de mar e de piscina. Todavia, essa praticidade só foi possível porque houve mudanças no modo de pensar da sociedade.

No Brasil, é na década de 1930

que o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas (...) no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada. (GOELLNER, 2003, p. 17)

Desta forma, o esporte ganhava cada vez mais adeptos, mas, do sexo masculino. As mulheres ainda tinham pouco espaço no universo esportivo. Sua entrada é tímida e ocorre de modo lento e altera pequenas coisas, Elas vão “*mudando sua forma de comportamento, maquiagem, cortes de cabelo e vestuário*” (LUCENA, 2001, p. 113), o que na época despertou a atenção e diversos comentários.

Diferentes mulheres exibem seus corpos, posam para fotografia, simulam posturas que são perpetuadas em imagens afirmativas que transmitem mensagens estéticas e ideológicas que são gravadas na memória para que sejam entendidas. No espaço onde se mostram, as mulheres são sujeitos do discurso das imagens e de uma estética que busca generalizar traços e percepções a partir de um olhar que expõe o seu corpo, tornando-o objeto de desejo ao mesmo em tempo que reprime este desejo que colaborou para despertar. (GOELLNER, 2003, P.29).

Nos trajes de banho ocorreram fatos interessantes em relação às mulheres. Na década de 1930, por exemplo, houve uma diminuição no tamanho do maiô e a diferenciação de seus modelos, principalmente naqueles usados em momentos de diversão, oportunidade em que apareceram o tomara que caia, as peças de um ombro só, frente única e outros.

Compreende-se que a criatividade e a beleza aumentaram, sobretudo nos trajes femininos, entretanto no que se refere ao traje de banho masculino, à exibição de partes do corpo

acentua-se com o uso já da sunga, peça que mostra todo o peitoral e dorso. Este era um traje bastante utilizado nos momentos de descontração.

Nota-se que neste início dos anos de 1930, os trajes de competição já passam a acompanhar as roupas de divertimento, fazendo com que as pernas fossem ficando inteiramente descobertas e surgissem os decotes nos ombros, colo e costas e até o despir total do peitoral no caso dos homens.

A moda nos anos 1930 descobriu no esporte, na vida ao ar livre e nos banhos de sol, a possibilidade de outros tipos de traje para a prática esportiva e para os momentos de divertimento nestes ambientes.

Os mais abastados procuravam lugares à beira-mar para passar períodos de férias. Seguindo as exigências das atividades esportivas, os saíotes de praia encontrados até os anos 20, diminuíram, as cavas aumentaram e os decotes chegaram até a cintura. Aliás, o cinema deu grande impulso, sendo uma forma de disseminação dos novos costumes. Hollywood, através de suas estrelas, contribuiu para influenciar milhares de pessoas em seus comportamentos, hábitos, bem como maneiras de se vestir em diferentes ocasiões.

O cinema foi acentuadamente um colaborador na divulgação dos trajes de banho, mas não o único, soma-se a isso também a popularização do esporte, que foi decisiva para que diversos modelos novos de roupas para a sua prática surgissem.

É possível afirmar que são os anos de 1920 aqueles que trazem a necessidade de um traje de banho específico e deste mesmo traje proporcionando já uma melhora de desempenho dos praticantes.

## 4 Os trajes de banho em duas revistas brasileiras

### 4.1 A Revista *Sport Illustrated*



Fig. 2 Salto ornamental, atleta do Clube Tijuca.  
Capa de Sport Illustrated, n. 3, 1938.



Fig. 3 Atleta do Fluminense F.C.  
Capa de Sport Illustrated, n. 6, 1938.

A revista *Sport Illustrated*, surgiu no Rio de Janeiro no ano de 1938. De propriedade da Companhia Editora Americana S.A., e dirigida por Gratuliano Brito, teve como sede a Rua Visconde de Maranguape, n. 15, no Rio de Janeiro. Desde sua primeira edição manteve representantes em São Paulo e a partir de seu n. 5, também na Bahia e Rio Grande do Sul, estendendo-se na de n. 19 até o Estado do Paraná.

Tratava-se de uma revista semanal, de assuntos ligados ao “sport”, cuidando de notícias sobre eventos, campeonatos, atletas, divulgação e incentivo do esporte, além de assuntos

mais próximos aos leitores, tais como o incentivo da prática de exercícios físicos e de esporte para crianças e adolescente, imagens de atletas em momentos de divertimento, etc. As imagens que surgem na revista desenham corpos em ação, nas diferentes expressões do esporte.

São imagens que registram tanto corpos estáticos que posam para uma fotografia, quanto corpos em movimento. Em ambas as situações, elas despertam interesse, curiosidade, exibição e ocultamento, liberdade e aprisionamento, liberalidade e conservadorismo, diferença e uniformização; revelam, portanto, contraposições que se expressam através das imagens de campeonatos, dos resultados, dos atletas e clubes na diversidade de espaços e no contexto da prática esportiva do período.

A publicidade é ausente nas primeiras edições da revista *Sport Ilustrado*, porém a partir do n. 12, já encontramos alguns patrocinadores que fazem publicidade de roupas esportivas.

Na leitura dos periódicos, ficam evidentes dois objetivos, sendo um deles o interesse em divulgar as mais diversas modalidades esportivas e, principalmente, aquelas que não são tão aceitas, conhecidas e praticadas, e o outro de rememorar, aqueles atletas que foram praticamente esquecidos e até mesmo desvalorizados. O primeiro objetivo fica claro em diversas seções da revista, como por exemplo, quando lemos um diálogo promovido pela revista com uma criança leitora. Nele um aluno da marinha aparece estudando para servir a Pátria e também treinando natação.

- Mas papae, diz sempre que o sport faz a gente ficar vadio...

- Diga a seu pai que Paulinho, apesar de campeão de natação, é um garoto muito estudioso...

- Você é um garoto inteligente como Paulinho. Precisa mostrar Sport Ilustrado ao seu papae... (SPORT ILLUSTRADO, 1938, n. 6, e 30)

Nota-se através do diálogo deste trecho, que o esporte nos anos de 1930, ainda não era bem aceito por todos. Por vezes não era considerado como algo a acrescentar na vida

daqueles que estudavam e/ou trabalhavam e sim uma atividade para aqueles que não “tinham” o que fazer, “vadios”. Voltando-se para uma parcela da sociedade que via no esporte aspectos sempre positivos, a revista procurava preservar e enaltecer esta atividade, apontando, principalmente, para divulgação dos esportes e os benefícios de sua prática. Essa mesma preocupação em valorizar o esporte também aparece em no editorial de seu n. 02:

Antes da saída desta revista nós, por força de hábito, fazíamos umas tantas observações em torno dos “leaders” sportivos que têm responsabilidades directas no que concerne á participação do Brasil no Campeonato do Mundo. Depois de nossa saída alguns factos sportivos terão aspectos marcantes, interessando vivamente nosso publico. (Sport Illustrado, 1938, n.2 p. 3)

Nas revistas analisadas, nota-se ainda, que há um direcionamento de suas notícias, de acordo com o esporte em destaque. Mais precisamente esportes em que naquela semana estivessem em maior evidência ou trazendo novidades do meio esportivo, tais como destaque de atletas, técnicos, novas estruturas de escolas e clubes, etc. Além desses diversos temas ligados ao esporte de interesse popular, a revista tratava, ainda, de alguns temas que até então não eram muito discutidos ou tidos como relevantes, como esportes ainda não praticados no Brasil.

O outro objetivo que aparece em grande destaque no periódico é a procura em mostrar e incentivar a presença da mulher no esporte,

“Os nossos leitores assíduos, já devem ter percebido o interesse com que SPORT ILLUSTRADO se entrega á propaganda e difusão da prática do sport pelo sexo *frágil*...” (SPORT ILLUSTRADO, n.6, p. 3, 1938).

Esse interesse faz com que as mulheres apareçam em muitos momentos deste periódico, chegando a expô-las na maioria das imagens e reportagens.

“A prática do sport evolui a cada passo. Já vem se impondo no meio cultural, exigindo do mesmo a maxima atenção.

Não é muito remoto o tempo em que o sport não passava de função masculina, divertimento e recreio da mocidade estudiosa.

A natação, nem se fala. Possuindo um cariz aristocratico não sonhava surgir como exercicio de utilidade á preparação eugenica da raça.

Hoje, porém, o salutar sport democratizou-se e não attende a pratica só como divertimento. Vae mais além: cede ao impulso da razão médica. Natação – é o sport que tem a função lógica de renovação vital – é imprecendivel á criança não só como exercicio de elasticidade muscular, como também biologica.” (Sport illustrado, 1938, n. 9, p. 4, 5 e 30).

É neste contexto que nasce a revista *Sport Illustrado*, uma revista específica que busca através do esporte incentivar este novo estilo de vida, se voltando para aqueles que se interessam, praticam e/ou que têm curiosidade em saber mais sobre os “sports”.

Nas primeiras décadas do século XX, é uma sociedade mais urbana que se forma, esta passa a ter nos esportes como a ginástica, o remo, a natação, elementos de sua constituição, mas, também outras práticas corporais como aquelas em que há um contato com a natureza, os banhos de mar, as caminhadas, a exposição dos corpos ao sol em praias e clubes, os desfiles de moda, passando a fazer parte das novas sociabilidades. Trata-se, portanto, de uma valorização do corpo e de sua exposição.

A *Sport Illustrado* procura, através de suas reportagens e imagens, mostrar a beleza dos esportes, dos atletas, e principalmente apresentar o esporte na sociedade carioca.

A revista de n. 2 traz como seu tema principal a natação. Nesta década a natação passa por um momento muito propício, como a presença da nadadora Maria Lenk nas Olimpíadas de Los Angeles de 1932, sendo a primeira e única mulher a participar de uma Olimpíada até então.

No ano de 1938 surgem diversos campeonatos que passam a ter grande destaque como, o Carioca, Brasileiro e também a chegada da Olimpíada de 1940 em Tóquio,

mostrando ser a natação, um assunto de muito interesse e despertando a curiosidade dos leitores. O Campeonato Carioca de Natação acabara de ocorrer no dia 10 de abril de 1938, semana de sua primeira edição, e esse evento foi de muita importância para a própria modalidade e para o público carioca, visto que ocorrera na cidade sede da revista. O Campeonato foi tão admirável, de acordo com a própria revista, que ela expôs diversas fotos dos clubes competidores, dos atletas participantes, assim como reportagens com o resultado das provas do campeonato, divulgação do campeonato brasileiro, histórias dos clubes, reportagens de seus atletas e, ainda, através de imagens e registro, o jantar comemorativo do clube ganhador, com os atletas, as famílias e toda a comissão técnica. Nota-se nestes eventos, uma proliferação de imagens bem trabalhadas em que se destacam a elegância dos participantes, seja em seus trajes esportivos, seja em seus trajes de gala ou de passeio. Percebe-se uma clara preocupação com a aparência e com as roupas.

A ocorrência dessas diversas notícias sobre a natação fez com que logo em suas primeiras páginas surgissem os *trajes de banho*, e neste caso, trajes específicos para o treinamento e a competição em modalidades aquáticas. As imagens oferecidas apresentam homens e mulheres em diversos momentos da prática esportiva como no preparo para a competição, na realização da mesma e ainda no pós-campeonato, também em diversas poses aparecendo neste momento, prioritariamente, os vencedores dos diferentes estilos.

O que se pode notar a princípio nestas imagens, é que a vestimenta nesta época trazia uma peça com menos tecido se comparado aos *trajes de banho* da década anterior, passando a descobrir as coxas. A quantidade de tecido que nos anos de 1920 cobria dos joelhos aos quadris, passa a não ser mais a mesma nos anos de 1930.

Este tipo de traje aparece tanto nos atletas do sexo masculino quanto feminino, principalmente quando olhamos para o traje mais específico para a natação. Contudo, quando em momentos de diversão e na prática de algumas outras modalidades, o traje se apresenta de diferentes formas entre os sexos, sendo o traje masculino confeccionado com muito menos tecido do que o feminino.

Desde a presença da mulher no esporte, a diferença entre os sexos é acentuada, tanto na própria prática esportiva, como também nos trajes, quer sejam eles em momentos da prática como também em qualquer outro em que esta vestimenta apareça.

O aparecimento do esporte no Brasil atesta claramente que seu público praticante e mesmo espectador era, majoritariamente, masculino, principalmente nos eventos de turfe e remo, cabendo as mulheres acompanharem os seus maridos e namorados, mostrando-se ao lado deles desfilando seus vestidos, inspirados na última moda européia.

Apesar de a mulher aparecer, majoritariamente, no papel de espectadora, já no final do século XIX ela começa também a praticar certas modalidades esportivas como o turfe, o ciclismo, o atletismo e a natação.

Em 1938, quando surge a Revista *Sport Illustrated*, a mulher já começou a ascender no esporte, algo que já se esboçara na década de 1920, sendo este um dos assuntos de grande interesse na revista. Sabedores que esta ascensão ocorria com certa restrição nestes anos, os editores de *Sport Illustrated* buscam nesta profusão de imagens, ressaltar que estes momentos da mulher no esporte passam a ser muito importante para o desenvolvimento do mesmo, para as próprias praticantes e também para aqueles que passam a se interessar pela *moda esportiva*.

Em seu n.19 a moda esportiva aparece na forma de três modelos voltados para o ciclismo, momento este em que aparecem os shorts. Estes trajes são femininos, ou seja, apresentados com cores, adereços e formas variadas.

De acordo com a revista estes trajes possuem “*radiante graça, elegância e encanto*” e para aquelas que “*se dedicando aos sports, procuram aliar a liberdade de movimento dos trajes sportivos, ou jamais esquecidos caprichos da moda, o que prova que, mesmo esportista, não esquece a Mulher o encanto do seu sexo...*” (SPORT ILLUSTRADO, 1938, n.19).

Parece claro que os trajes esportivos femininos procuram, para além do conforto e de um melhor desempenho na modalidade, a valorização da beleza, a feminilidade. Os trajes de banho nesta época parecem ressaltar a beleza em cores e adereços e, assim, acentuar muito mais a *mulher* do que a *atleta* praticante de uma modalidade esportiva.

A moda dos trajes esportivos na época é, nestas imagens de atletas apresentadas pela revista, configurada na representação da prática da atividade, das disputas e vitórias

esportivas. No início do século XX, as modalidades aquáticas permitem outras aparições públicas das mulheres. Essa novidade foi claramente conflituosa gerando diversos comentários e reações,

“as moças aderiram com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos, delicias com os ares de independência e voluntariedade que eles conotavam desencadeando assim uma comoção que atravessou a década (de 20). Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, enchimentos...” (Thébaud Françoise, p. 84 apud Goellner, 1998, p. 157)

Este novo estilo de vida de uma parcela da população feminina reflete em mudanças, tanto nas configurações da família, da casa, quanto dos espaços que elas passam a freqüentar como, por exemplo, os clubes esportivos. Mudanças também nas atitudes e nos trajes que passam a ser utilizados de acordo com o espaço. Ou seja, no momento que as mulheres passam a freqüentar espaços para a prática esportiva, trajes específicos se tornam necessários.

No entanto, quando se pensa na prática de modalidades aquáticas e/ou atividades nas areias das praias dos anos 1920, observa-se que esta especificidade também é permeada por um padrão “civilizado” e a ruptura com este padrão causaria “o grande espanto e o escândalo galopante, porém, iria ocorrer, como poderia se esperar, com a mudança dos hábitos e trajes femininos.” (GOELLNER, 1998, p.156).

Na edição n. 02, *Sport Illustrado*, procura acentuar a importância da prática do esporte para ambos os sexos, ao mesmo tempo em que defende o uso de roupas específicas para as práticas propondo, assim, o uso de trajes de banho confortáveis, também, pelas mulheres. Pode-se observar por meio desse periódico o início de certa uniformização do *traje de banho* para ambos os sexos, presente também em outras narrativas do século XIX, nas quais havia um claro preconceito em relação às roupas esportivas de banho destinadas às mulheres. Elas eram constantemente discriminadas no que dizia respeito ao conforto e a eficácia.



Fig. 4 Equipe masculina do Botafogo, campeão do 4x100 no campeonato Carioca, 1938

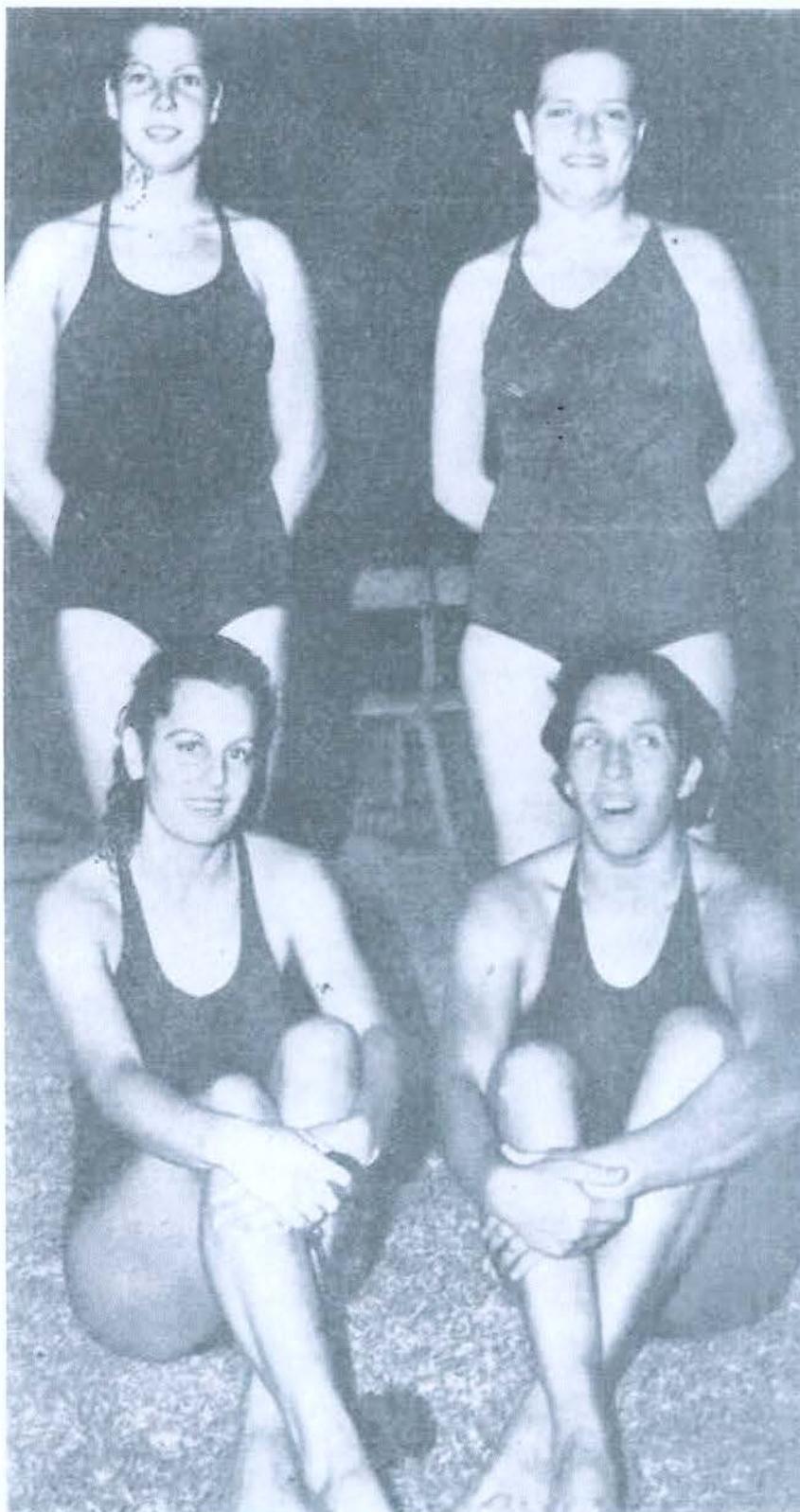


Fig. 5 Equipe feminina do flamengo, campeão e recordista campeonato Carioca de 1938

Tanto homens como mulheres, independente dos clubes aos quais pertenciam, usavam maiôs de uma só peça em tons escuros, azul marinho, preto e vermelho. Esses maiôs de uma única peça aparecem não só na natação, mas também nos saltos ornamentais, e algumas poucas vezes no remo, predominando neste o uso de shorts e camiseta.

Ainda em seu segundo exemplar, quando observamos a imagem da equipe masculina do Botafogo de water-polo, vemos que os atletas aparecem com a sunga, uma peça que não cobre a região abdominal e peitoral. Neste período, o water-polo era um esporte estritamente masculino, pois se acreditava que as atividades que requisitassem muito esforço físico não deveriam ser recomendadas para as moças.

A peça não aparece somente nesse momento. Aparece também em um quadro da revista, chamado “ALBUM do *fan sportivo*” (Sport Illustrado, 1938, n. 2) em que a revista proporciona em todas as suas edições, para os fãs do esporte, um atleta para ser homenageado, ganhando este destaque com uma foto que ocupa toda a página 15 do clube Botafogo. O traje em questão é uma sunga, peça confeccionada com menos tecido e mais conforto.

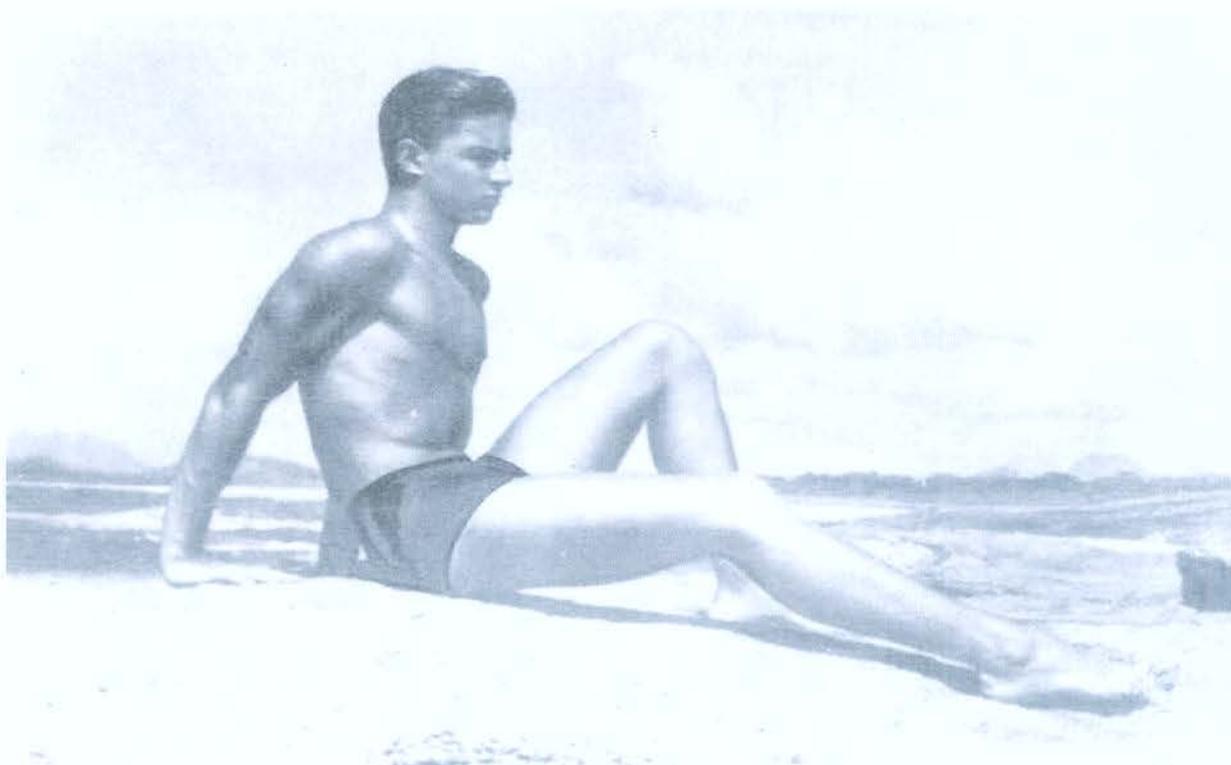


Fig. 6 Álbum do “*fan*” Sportivo, nadador de velocidade da equipe do Botafogo, 1938

Pode-se entender este momento do atleta, como um momento de diversão, sendo assim, isso nos leva a pensar que a roupa para o sport é diferente da usada nestes momentos fora da prática esportiva e/ou no envolvimento de outros esportes em que a roupa de banho aparece. É principalmente nos anos de 1920 que a peça de banho passou a ser pensada, como uma peça de conforto para as competições e para que isso ocorresse, uma das medidas foi o encurtamento do traje, eliminando os excessos, descobrindo as partes do corpo.

Além do momento de diversão e da prática do water-polo, esta peça masculina mais confortável aparece, em duas praticas não aquáticas: “bola atlética” e o “Catch as catch can”. A “bola atlética”, uma modalidade não aquática é desempenhada nas areias da praia, nos levando a pensar no uso da peça pelo seu conforto, devido ao clima e ambiente. Já a “Catch as catch can” é uma atividade mais voltada para lutas realizada em ambientes fechados, no tatame.

Na revista *Sport Illustrado*, observamos então, que para homens em momento de diversão, já aparecem peças no formato das sungas, para as mulheres, no entanto, quando em momentos de diversão, os trajes usados são bem semelhantes àqueles usados nos esportes: maiôs de uma só peça de ombro a coxa.

No entanto, em modalidades como salto ornamental, em que além de técnica, faz-se importante a beleza, nota-se a presença de um maiô, porém, maiô com riqueza e diversidade de cores, de tecidos e, ainda, de adereços.

De um certo modo, parece mesmo que as roupas femininas destinadas às práticas corporais aquáticas destacam a beleza de sua praticante, considerando o rico detalhamento de sua confecção. Já em relação às roupas masculinas, observa-se uma certa seriedade nos modelos, sugerindo assim, virilidade. As roupas masculinas são confeccionadas em cores foscas, lisas, em formato padrão.

Assim, em 1938, quando observamos as imagens dos *trajes de banho* femininos, vê-se esta distinção nas mulheres, trazendo não só uma pose bela, uma linda maquiagem, um cabelo arrumado, mas também, um traje que expresse e reforce sua feminilidade, fragilidade, bom gosto e beleza.

#### 4.2 A Revista Cigarra: variedades para as mulheres e moda esportiva



Fig. 7 Capa Da Revista A Cigarra, n. 179,1924



Fig. 8 Capa da Revista A Cigarra, n. 178, 1922

A revista *A Cigarra* surgiu, em São Paulo, no ano de 1914 e circulou até 1975. De propriedade da Empresa Gelásio Pimenta & Companhia, estava sediada a Rua Direita, com agentes e representantes no interior do estado, no Rio de Janeiro e nos principais centros de Minas Gerais, Paraná, Goiás, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, e a partir de 1917, com sucursais fora do país.

Com tiragem inicial de 12.000 exemplares, era uma revista quinzenal de variedades com forte inclinação cultural e direcionada principalmente ao público feminino. Tratava-se de uma revista ilustrada bem dirigida, em cujas páginas se refletiam os aspectos burgueses, quase caseiros, da sociedade paulistana, como bem registrou Anthoula, 2006. Além de programações artísticas trazia os eventos sociais, políticos e econômicos.

A publicidade ocupava um espaço expressivo na revista, com destaque para medicamentos, produtos de beleza e higiene e os estabelecimentos comerciais, inclusive varejo da moda. A partir de 1920 a moda, com pequenos destaques, passa a ocupar, também um espaço nos editoriais. Estes espaços de moda incorporam o *vestuário feminino*, a difusão dos acessórios,

a moda masculina e infantil, e sob a influência das práticas esportivas e da maior participação da mulher no mercado de trabalho, materializa-se uma moda que se expressa em propostas de *trajes mais esportivos* e mais práticos.

No início dos anos de 1930, a revista passa a ter o “Suplemento Femenino”, que reunia temas de moda, beleza, culinária, cuidados como lar e as crianças, isto é, assuntos supostamente do interesse de seu público feminino, porém oscilando entre a perpetuação dos valores vigentes e o questionamento de novos hábitos e comportamentos.

Este suplemento surgiu justamente porque nos anos de 1930 a revista passava por modificações editoriais importantes, tornando-se muito mais literária, priorizando a publicação de romances, novelas, contos de autores estrangeiros e nacionais em detrimento dos acontecimentos na cidade de São Paulo.

A Beleza, ou a Belleza, juntamente com seus adjetivos e/ou sinônimos eram palavras de grande destaque na Revista *Sport Illustrado*, mas também na revista *A Cigarra*. “*a belleza aparece demais, fazendo com a que a mulher se preocupe com a belleza do rosto, corpo e principalmente do vestuário, o qual expressa a classe social, a época, o espaço e a própria belleza*”. (SOUZA, 1987 , p.64).

Nos anos de 1920 e 1930, mesmo com uma grande diferença da presença da mulher nos esportes entre esses anos, esta sempre aparece preocupada com sua beleza, sua pele, corpo, seus trajes, acessórios, penteados, etc. *A Cigarra* traz propagandas, poesias e poemas, notícias, crônicas e tantas outras informações elegendo como público alvo, a mulher e, principalmente, sua beleza.

É possível perceber alguma semelhança com a revista *Sport Illustrado* que mesmo tendo um objetivo distinto, carrega em cada um de seus números a mulher no sport e a sua beleza. Assim, é possível afirmar que uma revista não específica da área do esporte apresenta uma sintonia com este campo, uma vez que também vai salientar a necessidade do uso de roupas específicas para estas práticas, quer seja em sua publicidade, quer seja em suas seções.



Fig. 9 Campeão de natação do Rio de Janeiro.  
A Cigarra, n. 184, 1924

## 5 Algumas considerações finais

A análise a respeito dos trajes de banho nos revela que estes passaram por uma série de modificações e estas, acompanhadas por inúmeros fatos como, a descoberta de um novo espaço em que seu uso se tornou necessário, o interesse por um conforto nas práticas esportivas, o desvendar de partes do corpo, a beleza (principalmente no que diz ao traje feminino), entre outros fatos sempre pautados pela moral vigente.

Fatos como aqui analisados, assim como a moral que os permeiam, aparecerão nas revistas “*A Cigarra*” e “*Sport Illustrado*”, através de seus relatos e principalmente de suas imagens. Imagens como a encontrada na Revista “*Sport Illustrado*” apresentando o time masculino de water-polo nos revela, claramente, que nos anos de 1930 aos homens eram destinadas modalidades viris, modalidades que não deveriam ser praticadas pelas frágeis mulheres; também é possível identificar, no que diz respeito aos trajes esportivos masculinos, a emergência do sentimento de conforto, juntamente com a liberação dos movimentos, uma vez que eles já aparecem usando sungas e revelando, para época, muitas partes do corpo antes escondidas, bem ao contrário do que ainda ocorria com as mulheres, que usavam os maiôs.

As imagens dos maiôs femininos nos deixam clara a intenção da moda em mostrar a mulher como bela, elegante e feminina. Ao olhar para elas, principalmente em seu momento de diversão, nota-se que seus trajes de banho vêm acompanhados de combinações de cores, detalhes com laços e fitas, e ainda formas diferenciadas como frente única, um ombro só e tomara que caia, diferentemente do traje de banho masculino que é confeccionado em tons escuros, sem estampas e ainda sem detalhes.

O presente trabalho buscou, assim, compreender e apresentar o traje de banho, masculino e feminino, seja na prática específica de esportes aquáticos, seja simplesmente para frequentar praias e piscinas, como parte da mais vasta rede de elementos que educam os corpos. Em relação a outras vestimentas, este trabalho procurou, ainda, acentuar sua utilidade, conforto e necessidade na relação direta do corpo com outros elementos na natureza como, por exemplo, a

água. Tendo clareza de suas limitações, este trabalho não trata das roupas de banho em geral, mas, sim, daquelas que são registradas pelas duas revistas aqui analisadas -*A Cigarra* e *Sport Illustrado*-, por compreendê-las como expressão de *um modo de olhar o corpo e as práticas corporais aquáticas* neste Brasil do início do século XX, acentuando o uso de trajes de banho para tal finalidade.

## Referências Bibliográficas

- BALZAC, Honoré. Fisiologia do vestir In *Tratado dos excitantes modernos*. São Paulo: Landy, 2004.
- COBIN, Alain. *Território do Vazio*. São paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CRANE, Diana. *A Moda e Seu Papel Social: Classe, Gênero e Identidade das Roupas*. São Paulo: Senac, 2006.
- EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1987.
- FOCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.
- FYSKATORIS, Anthoula. *O varejo de moda a cidade de São Paulo (1910-1940)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Historia da PUC/SP, 2006.
- GOELLNER, Silvana V. *Bela, Maternal e Feminina*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- GOELLNER, Silvana V. *As mulheres e as práticas corporais e esportivas no início deste século: beleza, saúde e feminilidade*. VI Congresso brasileiro de história do esporte, Lazer e Educação Física, Rio de Janeiro, 1998.
- HOLLANDER, Anne: *O sexo e as roupas*. São Paulo: Rocco, 1990.
- LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LUCENA, Ricardo de F. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- Miragaya & Da Costa; Ana Maria, P. Lamatine. *A inclusão da mulher brasileira o esporte através da natação na perspectiva histórica de 1930 a 1933*. VI Congresso brasileiro de história do esporte, Lazer e Educação Física, Rio de Janeiro, 1998.
- NORBERT, Elias. *O processo civilizador: uma historia dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 2 v.
- ROCHE, Daniel: *Cultures des apparences: une histoire du vêtements XVII-XVIII siècle*. Paris: Fayard, 1989.

SANT'ANNA, B. Denise. Historia do conforto na cidade de São Paulo In *Anos 90, Revista do programa de Pós Graduação em Historia da UFRGS*, n. 14, dez 2000.

SANT'ANNA, B. Denise. *La recherche de la beauté: une contribution à l'histoire des pratiques et représentation de l'embellissement féminin au Brésil- 1900-1980*, thèse de doctorat, Université Paris VII, 2T, 1994, 2 V.

SANT'ANNA, B. Denise. *O prazer justificado: Historia e Lazer (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1994

SOUZA, Gilda de Mello E. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STEELE, Valerie. *Fetichê: moda sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VIGARELLO, Georges. *Histoire de la beauté: le corps et l'art d'embellir de la renaissance à nos jours*. Paris: Seuil, 2002.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

### **Documentos eletrônicos**

GARCIA, Cláudia. *Anos 30: tempos de Crise*. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos30.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

### **Fontes**

A CIGARRA. São Paulo: Gelásio Pimenta & Companhia, v. 8, n. 174, 1922.

A CIGARRA. São Paulo: Gelásio Pimenta & Companhia, v. 8, n. 178, 1922.

A CIGARRA. São Paulo: Gelásio Pimenta & Companhia, v. 9, n. 179, 1923.

A CIGARRA. São Paulo: Gelásio Pimenta & Companhia, v. 10, n. 184, 1924.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 2, 19 abr. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 3, 26 abr. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 4, 03 maio 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 5, 11 maio 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 6, 18 maio 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 9, 08 jun. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 10, 15 jun. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 12, 29 jun. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 17, 03 ago. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 18, 10 ago. 1938.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro: Americana S.A., n. 19, 17 ago. 1938.